

MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA – UMA ENTREVISTA COM ANA PAULA SCHER¹

Ana Paula Scher

Universidade de São Paulo – USP

ReVEL – A Morfologia Distribuída é um modelo relativamente recente dentro dos estudos de Linguística Formal. Quando o modelo começou a ser desenvolvido e de que forma ele “dialoga” com outros modelos correntes em Morfologia (e Sintaxe)?

Ana P. Scher – O modelo da Morfologia Distribuída, MD, de agora em diante, começou a ser desenvolvido a partir do texto seminal de Morris Halle e Alec Marantz, intitulado *Distributed Morphology and the pieces of inflection*, e publicado em 1993² (cf. referência (1 da última questão desta entrevista). As principais ideias do modelo, no entanto, já apareciam em Halle (1973), um texto intitulado *Prolegomena to a Theory of Word formation* e publicado pela *Linguistic Inquiry* (cf. referência (2 da última questão desta entrevista). Ora Matushansky, em sua Introdução para a coletânea *Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle*, publicada em 2013 (cf. referência (3 da última questão desta entrevista), faz a seguinte afirmação:

While many of the particulars of the theory of Distributed Morphology grew from discussions between Morris and one of us (Marantz) starting around 1990, the seeds of the theory were of course planted in Morris’s thinking, as summarized in, for example, the *Prolegomena* (1973), from his International Congress of Linguists address. In Marantz’s contribution to this book (chapter 6), he identifies as crucial to the birth of DM a dispute over the role in the grammar of what Morris called “abstract” morphemes, or “Q”s. What emerged from these discussions was a radically

¹ Bolsa Pq2 CNPq: 312610/2013-0.

² H&M, a partir de agora.

antilexicalist theory that joined two core assumptions: (1) syntactic approaches to word structure most importantly championed by Shelly Lieber and (2) a rejection of a phonologized set of morphological pieces stemming from “realizational” theories of morphology like those of Robert Beard (1995) and Steve Anderson (1992). (Matushansky & Marantz, 2013:vii)

O diálogo com outros modelos correntes em Morfologia e Sintaxe, por sua vez, se faz pelo reconhecimento da eficácia de algumas propriedades pertinentes a esses modelos, e que, combinadas, constituem os preceitos do modelo da MD. É de H&M, por exemplo, a seguinte afirmação:

In this paper we describe and defend a third theory of morphology, Distributed Morphology, which combines features of the affixless and the lexicalist alternatives. With Anderson, Beard, and Aronoff, we endorse the separation of the terminal elements involved in the syntax from the phonological realization of these elements. With Lieber and the lexicalists, on the other hand, we take the phonological realization of the terminal elements in the syntax to be governed by lexical (Vocabulary) entries that relate bundles of morphosyntactic features to bundles of phonological features. (H&M: 111)

Mesmo assim, ainda há muito espaço para que novos diálogos se estabeleçam e possam, assim, contribuir para que as pesquisas realizadas dentro desse campo do conhecimento possam chegar cada vez mais perto de seu objetivo, nomeadamente, a descrição do conhecimento linguístico de um falante de uma língua natural.

ReVEL – A senhora iniciou sua pesquisa dentro de um modelo lexicalista. Como foi a passagem de um modelo lexicalista para um modelo não-lexicalista, como a Morfologia Distribuída? Quais foram as vantagens que a senhora viu para essa mudança?

Ana P. Scher – Não foi exatamente traumática, eu posso dizer. Ao contrário, foi um momento de muita efervescência acadêmica na minha vida profissional. No desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado (cf. referência (4 da última questão desta entrevista), que vinha sendo fundamentada por modelos gerativos de análise linguística, percebi que havia lugar para um modelo de formação de palavras que pudesse dar conta da formação de nominalizações em que ocorriam o(s) sufixo(s) -*ada* ou -*ida*, tais como *olhada* ou *subida*, no contexto de construções com o verbos *leve dar*, como *dar uma olhada no nenê* ou *dar uma subida no telhado*.

Era por volta do ano 2000 e, ao cursar a disciplina *Morfologia* no IEL³, da UNICAMP, deparei com o texto de H&M. Nele, chamou-me a atenção a proposta de formas abstratas a serem manipuladas pela sintaxe, gerando morfemas abstratos que seriam, pós-sintaticamente, preenchidos por material fonológico, por meio de regras de inserção chamadas de itens de vocabulário (*vocabulary items*, no inglês). No que diz respeito, especificamente, ao tratamento das nominalizações, a definição, por Artemis Alexiadou, em 2001 (cf. referência (5 da última questão desta entrevista), de critérios por meio dos quais seria possível determinar sua estrutura funcional veio ao encontro das questões que eu investigava na época, sobre as leituras de processo e resultado que podiam ser atribuídas às nominalizações em *-ada* ou *-ida* no português brasileiro.

Partindo da ideia presente nos pressupostos da MD, de que o léxico reduzido contém apenas raízes atômicas e feixes de traços gramaticais, e do princípio, defendido pelo mesmo modelo, de que categorias lexicais podem se formar independentemente de operações lexicais, a autora destaca as diferenças de comportamento entre nomes e verbos relacionados e dá conta dessas diferenças por meio de processos gerais que operam em estruturas sintáticas específicas e estão vinculados à presença ou ausência de categorias funcionais, tais como T, D Aspect, ou, ainda, *v*.

Por outro lado, tratando particularmente das diferenças de comportamento observadas entre nominais de processo e de resultado, Alexiadou assume que tais distinções devem ser explicitadas pela estrutura sintática proposta para cada um desses tipos de nominais. A autora sugere que, diferentemente das nominalizações de resultado, as de processo incluem em sua estrutura interna tanto projeções nominais, quanto verbais, tais como Voice/*v* e Aspect, que se associam à expressão da eventividade.

A presença dessas camadas funcionais se justifica por evidências trazidas do grego e, também, por dois fatores: a) apenas algumas classes de advérbios podem co-ocorrer com nominais de processo; b) há reflexos morfológicos da presença das categorias Voice e Aspect em muitas línguas. Para Alexiadou, essas nominalizações realmente

³ Instituto de Estudos da Linguagem.

têm propriedades verbais que justificam a presença dessas categorias. A possibilidade de ocorrência de um advérbio no domínio da nominalização, por exemplo, não é apenas resultado de uma compatibilidade semântica entre um evento e um advérbio que o modifica. É um fato sintático que determina o tipo de elemento que pode ocorrer nas diferentes posições da estrutura sintática e, nesse sentido, a distribuição dos advérbios é crucial para a definição da configuração sintática das expressões linguísticas em que aparecem.

Os dados que eu investigava corroboravam essas afirmações. A diferença entre as leituras possíveis para as nominalizações em *-ada* ou *-ida* do PB – de processo e de resultado – não podia, a meu ver, decorrer do fato de essas nominalizações poderem (ou não) determinar uma estrutura argumental, como sugere Grimshaw (1990)⁴. Cada vez mais, as leituras que eu fazia de textos de MD, ou relacionados a esse modelo, convenciam-me de que essa diferença poderia ser atribuída à configuração sintática em que são inseridas as raízes que formam essas nominalizações. No caso específico das nominalizações formadas com o(s) sufixo(s) *-ada* ou *-ida*, participantes de construções com o verbo leve *dar*, somente as nominalizações denotadoras de eventualidades que não contêm os traços de estaticidade e telicidade intrínseca, e que, portanto, admitem uma leitura de processo (não estática), podem apresentar, em sua configuração sintática, um conjunto de categorias funcionais, geralmente associadas a sintagmas verbais, e que resultam nessa leitura. Isso quer dizer que as propriedades das eventualidades denotadas pelas nominalizações em *-ada* ou *-ida* resultam dos nós funcionais presentes na estrutura interna dessas nominalizações.

A partir daí, o foco da minha pesquisa mudou e eu considero que foi vantajosa a opção por um modelo não-lexicalista. Não apenas porque foi possível, na minha tese de Doutorado, dar uma explicação satisfatória e interessante para as leituras distintas das nominalizações formadas pelo(s) sufixo(s) *-a(i)da* no contexto das construções com o verbo leve *dar* no português brasileiro, mas, e principalmente, porque, a partir daí, eu tive oportunidade de discutir uma série de fenômenos para os quais se ofereciam tratamentos lexicalistas – tanto na minha própria pesquisa, quanto na pesquisa de meus orientandos e de outros colegas que fazem ou fizeram parte do

⁴ Grimshaw, Jane. 1990. *Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

GREMD⁵ – e esse novo olhar tem nos revelado muitas propriedades das línguas naturais que não nos chamavam a atenção em modelos anteriores.

ReVEL – Seus últimos trabalhos têm discutido um dos chamados processos não concatenativos no português brasileiro. Sendo a Morfologia Distribuída uma teoria derivacional, processos como truncamento e *blending* representam desafios para a teoria?

Ana P. Scher – Certamente representam um grande desafio! E nós estamos nos preparando para enfrentá-lo. Entre os exemplos que você traz em sua pergunta, eu tenho discutido, mais particularmente, as formas que venho chamando de *truncadas*, por não acreditar que exista, de fato, um processo de *truncamento* gerando tais formas. Os casos de *blending* vêm sendo tratados, dentro da MD, por outros membros do GREMD. Há o trabalho de Rafael Minussi e Vitor Nóbrega (cf. referência (6 da última questão desta entrevista), além da pesquisa de Iniciação Científica realizada, até o momento, por Angelly A. Marques de Gouveia (cf. referência (7 da última questão desta entrevista).

Mas sua pergunta nos leva a uma reflexão sobre a natureza de modelos para a análise de fatos linguísticos: derivacionais e representacionais. Modelos derivacionais ou localistas, por um lado, e modelos representacionais ou globalistas, por outro, foram discutidos de forma extremamente interessante por David Embick em seu livro de 2010 (cf. referência (8 da última questão desta entrevista). Sem me deter aqui no detalhamento da distinção existente entre esses modelos⁶, chamo atenção para apenas uma das terminologias usadas pelo autor para indicar a distinção entre eles: *serialist models* e *parallelist models*. Nos primeiros, as expressões linguísticas são geradas a partir de uma série de pequenas mudanças locais, enquanto nos últimos, as expressões linguísticas são definidas a partir da comparação entre as diversas formas de *output* possíveis para uma única forma de *input*. Trata-se de um mecanismo representacional que, a partir de um sistema de classificação, determina o vencedor

⁵ O GREMD é o Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída da USP (<http://gremd.fflch.usp.br/>), que completou 10 anos em 2014, e que, desde a sua formação, vem se constituindo num polo importante de discussão sobre fenômenos morfológicos no Brasil.

⁶ A resenha feita por alguns membros do GREMD do livro *Localism versus globalism in morphology and phonology*, de David Embick, neste volume da **ReVEL**, traz essa distinção em detalhes.

dessa comparação, ou seja, a melhor forma de *output* correspondente a uma determinada forma de *input*.

De modo geral, modelos localistas ou derivacionais têm se ocupado de processos concatenativos de formação de palavras, ou seja, daqueles em que a concatenação de partes menores leva a formação de uma unidade maior (afixação e composição, por exemplo). Modelos globalistas ou representacionais, por sua vez, se voltam também para a investigação de processos não-concatenativos de formação de palavras e, dessa forma, têm se ocupado de casos tradicionalmente tratados como derivação regressiva, truncamento, *blending*, etc.

Uma das razões para essa aparente divisão de tarefas é a própria natureza dos fenômenos analisados por cada tipo de modelo: as línguas semíticas como o hebraico, por exemplo, com suas raízes triconsonantais⁷ e seus padrões vocálicos, tradicionalmente, têm recebido tratamentos baseados em modelos globalistas. Mesmo essas línguas, no entanto, têm sido tomadas como importantes fontes de evidências em favor de análises localistas, tais como as baseadas no modelo da MD. Isso significa que, embora o desafio seja grande, a possibilidade de encontrarmos respostas adequadas para ele dentro da MD também o é. E é isso que temos tentado fazer...

Volto-me, agora, especificamente para um desses exemplos de morfologia não-concatenativa que têm nos ocupado ultimamente: as formas truncadas. No meu modo de entendê-las, essas formas são derivadas diretamente da raiz. Formam-se, portanto, independentemente de formas não-truncadas que lhes são correspondentes. Isso significa que, de acordo com a análise que eu estou propondo, não há cortes ou apagamentos em palavras como *delegado* e *cerveja* que as transformem em *delega* ou *cerva*, respectivamente. As diferentes interpretações que se podem depreender desses dois pares de dados (*delegado* – *delega*; *cerveja* – *cerva*) justificam essa independência na sua derivação: assim, por exemplo, *delega* e *cerva* carregam todo um valor apreciativo ou avaliativo que não está presente em *delegado* ou *cerveja*, o que justifica a assunção de que, embora tenham as mesmas raízes, tais pares de palavras não se relacionam por subtração. Ao contrário, as

⁷ Às vezes, com até quatro consoantes, como é o caso do árabe.

formas truncadas são derivadas por meio de mecanismos sintáticos gerais que operam em estruturas sintáticas específicas, exatamente como acontece com suas correspondentes não-truncadas, nomeadamente, as formas plenas que exibem a mesma raiz.

Esse mesmo fenômeno já foi investigado por outros pesquisadores no português brasileiro e já recebeu outras análises, inclusive fundamentadas em modelos globalistas⁸. Minha análise, portanto, em que as formas truncadas são geradas a partir de uma série de pequenas mudanças locais, opõe-se frontalmente a essas propostas.

ReVEL – Quais são alguns dos principais temas que ainda precisam ser discutidos dentro desse quadro teórico, e, em especial, quais as contribuições que as pesquisas no Brasil – sobre o português brasileiro – podem dar para o avanço da Morfologia Distribuída?

Ana P. Scher – Eu penso que a discussão sobre os processos tratados como não concatenativos precisa continuar a ser feita de forma ainda mais sistemática. Já temos um começo, como apontei acima, mas há muito a fazer.

Penso, também, que a produção e o processamento dos erros de fala, tais como se vê na sentença “*A rasg-ola sac-ou.*”⁹, em lugar de “*A sac-ola rasg-ou.*”, é outra grande questão a ser investigada. Esse tipo de “erro” é mais comum do que podemos pensar e, a meu ver, a MD tem muito a dizer sobre ele. O trabalho de Pfau (cf. referências (9 e (10 da última questão desta entrevista) dá início às investigações sobre esse tema dentro do modelo, mas ainda há muito a ser feito.

⁸ Para citar apenas um exemplo, tem-se a dissertação de Mestrado de Ana Paula V. Belchor: Belchor, Ana Paula Victoriano. 2009. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹ Essa sentença foi produzida espontaneamente por uma de minhas sobrinhas. E uma breve discussão sobre o fenômeno aparece em: Scher, Ana Paula. 2014. *Notas de aula do curso de Tópicos em Sintaxe: Morfologia Distribuída*, São Paulo Universidade de São Paulo.

Além desses temas e de tantos outros já investigados pelos membros do GREMD, nosso grupo vem se preocupando, mais particularmente, com questões relativas à i) derivação e interpretação de objetos linguísticos com significados não-composicionais ou idiomáticos, ao ii) estudo de paradigmas verbais defectivos, à iii) caracterização das categorias de adjetivo e advérbio dentro do modelo da MD e, finalmente, iv) à determinação do real estatuto da noção de *raiz* dentro desse modelo. Sabe-se que a noção de raiz não é exclusiva da MD, mas sabe-se, também, da importância que ela representa para o modelo.

ReVEL – A senhora poderia indicar sugestões de leituras na área da Morfologia Distribuída? Algumas leituras essenciais, clássicas ou modernas, para nossos leitores...

Ana P. Scher – Eu começo pela explicitação das referências que trouxe nas respostas anteriores desta entrevista. Algumas dessas referências também aparecem nas indicações de leitura de Jonathan David Bobaljik, também entrevistado neste número da **ReVEL**:

1. Halle, Morris & Alec Marantz. 1993. Distributed Morphology and the pieces of Inflection. In Ken Hale and Samuel Jay Keyser, eds. *The view from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge: MIT Press, 111-176.
2. Halle, Morris. 1973. Prolegomena to a Theory of Word formation. *Linguistic Inquiry*, Volume 4, Number 1.
3. Matushansky, Ora & Alec Marantz, eds. 2013. *Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle*. Cambridge: MIT Press.
4. Scher, Ana Paula. 2004. *As construções com o verbo leve "dar" e as nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese de doutoramento, Campinas: UNICAMP.
5. Alexiadou, Artemis. 2001. *Functional Structure in Nominals. Nominalization and ergativity*. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 42. Amsterdam: John Benjamins.

6. Minussi, Rafael & Vitor Nóbrega. 2014. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, Volume 18, Número 1.
7. Marques Gouveia, Angelly A.. 2015. A presença de *blends* no léxico Rosiano. Trabalho apresentado no 22o SIICUSP.
8. Embick, David. 2010. *Localism versus globalism in morphology and phonology*. Cambridge: MIT Press.
9. Pfau, Roland. 2000. *Features and categories in language production*. Diss, Johann Wolfgang GoetheUniversität, Frankfurt/Main.
10. Pfau, Roland. 2009. *Grammar as processor: A Distributed Morphology account of spontaneous speech errors* (Linguistik Aktuell 137). Amsterdam: John Benjamins.

A essas referências, acrescento outras que remetem a temas que fazem parte das preocupações de pesquisadores interessados em morfossintaxe em MD:

11. Doron, Edit (ed). 2014. *Theoretical Linguistics: On the Identity of Roots (target article)*, Volume 40, Number 3/4.
12. Fábregas, Antonio. 2005. *La Definición de la Categoría Gramatical en una Morfología Orientada Sintácticamente: Nombres y Adjetivos*. Tese de Doutorado. Universidad Autónoma de Madrid.
13. Marvin, Tatiana. 2003. *Topics in the Stress and Syntax of Words*. Tese de Doutorado. MIT.
14. Oltra Massuet, Ma Isabel. 2010. *On the Morphology of Complex Adjectives*. Tese de Doutorado. Universitat Autònoma de Barcelona.